**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

CYBERBULLYING

Autor: André Luiz Silveira

Orientadora: Dra. Nádie Christina Ferreira Machado Spence

JUÍNA/2015

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

CYBERBULLYING

Autor: André Luiz Silveira

Orientadora: Dra. Nádie Christina Ferreira Machado Spence

Projeto de pesquisa apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Nádie Christina Ferreira Machado Spence.

JUÍNA/2015

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof.: Me. Caio Gianini

Profa.: Ma. Chayene Hackbarth

Profa.: Dra. Nádie Christina Ferreira Machado Spence
Orientadora

JUÍNA/2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me incentivaram a concluir a caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao pai celestial por iluminar meus passos nessa trajetória acadêmica.

A toda a minha família e aos amigos pela dedicação, o auxílio, o afeto e a confiança que me passaram.

A todo corpo docente da Instituição AJES.

SILVEIRA, André Luiz. *Cyberbullying: comentários sobre Revenge Porn* em redes sociais. Juína: Instituição de Ensino Superior de Educação do Vale do Juruena, 2015, 42 páginas.

RESUMO

Este trabalho buscou identificar o comportamento da plateia diante de uma notícia que envolve *Revenge Porn*. Foi utilizada uma revisão literária, por meio de livros e artigos, com o objetivo de coletar material já existente que conceitue os temas *bullying* e *cyberbullying*. Após isso, buscou-se um caso que envolveu *Revenge Porn* noticiado no segundo semestre do ano de 2015. Diante dessa notícia foi feita a classificação de comentários positivos e negativos que envolvem a plateia. A conclusão da análise reflete o que os autores já pontuavam sobre a temática, envolvendo uma agressão psicológica, por meios virtuais, onde a plateia na maioria dos comentários busca humilhar ainda mais a pessoa exposta na notícia.

Palavras-chave: *Bullying, Cyberbullying, Internet.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 BULLYING	8
2.2. PERFIS DOS PERSONAGENS DO <i>BULLYING</i>	10
2.2.1 OS PROTAGONISTAS DO <i>BULLYING</i> ESCOLAR.	10
2.2.2 IDENTIFICANDO OS PERSONAGENS DO <i>BULLYING</i>.	13
2.2.3 DESENVOLVIMENTO DE REDE PARA ENFRENTAR O <i>BULLYING</i>: LIÇÕES CANADENSES	17
2.3 CYBERBULLYING	20
2.3.1 CYBERBULLYING E SUA RELAÇÃO COM O BULLYING TRADICIONAL ..	20
2.3.2 REVENGE PORN	25
2.3.3 HOMENS QUE SÃO SEXUALMENTE ATRAÍDOS POR CRIANÇAS	27
2.3.4 SEXTING.....	28
2.3.5 CASO E LEI CAROLINA DIECKMANN	29
3 MATERIAL E MÉTODO.....	32
3.1 PERCURSO METODOLÓGICO	32
4 ANÁLISE DOS DADOS	35
4.1 O CASO STÊNIO GARCIA E MARILENE SAADE	35
4.2 A REPERCUSSÃO E OS COMENTÁRIOS.....	36
4.3 A DISCUSSÃO DOS ACHADOS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Conforme Rocha (2012, apud, ALBURQUERQUE, 2013) a palavra inglesa *bullying*, é utilizada para narrar situações de violência física ou psicológica, praticadas de forma intencional e repetida, por uma única pessoa ou um grupo de pessoas, a qual origina dor e angústia e ocorre dentro de uma relação desigual de poder. Adicionalmente, normalmente, as pessoas são vítimas ao mesmo tempo que cometem as agressões. Nas instituições de ensino, geralmente a prática do *bullying* ocorre fora da visão dos funcionários e professores, fazendo com que as vítimas permaneçam caladas sem relatar à alguém sobre a agressão sofrida.

Esse trabalho tem como finalidade, apresentar o tema *cyberbullying*, a partir de notícias que caracterizem situações de exposição não autorizada pela vítima, cujos comentários revelem a percepção (positiva/apoio ou negativa/repúdio), das pessoas acerca do tema.

As redes sociais, que foram idealizadas para facilitar o acesso entre as pessoas, passam nesse momento a ser visto como um recurso para humilhar e ridicularizar as pessoas. A prática de *cyberbullying* é consumada via internet, com a finalidade de expor as outras pessoas perante os meios virtuais. Essa forma de ridicularizar o outro tem despertado a preocupação dos pais, educadores e psicólogos, pois com a tecnologia presente nos aparelhos eletrônicos os insultos se alastram rapidamente, criando proporções irreparáveis e levando muitas vezes ao conhecimento de pessoas muito próximas as vítimas. Somos sabedores de que o mau uso da internet pode gerar situações de risco para os usuários, tanto para quem pratica o *cyberbullying*, quanto para a vítima desse crime.

Esta obra terá um olhar voltado ao uso da internet, ou seja, o uso das mídias sociais como mecanismos utilizados para constranger e intimidar as pessoas que são consideradas pelos agressores como mais frágeis por não poderem se defender. Esta se refere ao *cyberbullying*, que será abordado com o intuito descrever o perfil dos agressores e de suas vítimas. Além disso, busca-se entender o que levam a essas manifestações e a partir delas promover uma reflexão sobre as implicações disso diante do atual contexto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BULLYING

Para falar sobre *bullying* recorreremos à abordagem dos escritores Antonio de Pádua Serafim e Fabiana Saffi, autores do livro *Psicologia e Práticas Forenses* (2012), que em sua obra escrevem sobre *bullying*.

Geralmente a ação do *bullying* ocorre no ambiente escolar e essa prática de violência é mais presente entre os adolescentes. Tem como característica a atitude hostil de um indivíduo ou um grupo de pessoas para com outra pessoa, com a finalidade de desmoralizar essa vítima fazendo com que ela se sinta inferiorizada. A prática do *bullying* pode ocorrer nas modalidades física, verbal ou psicológica, de maneira contínua. A ação discriminatória ocorre sem justificativa aparente e o agressor tem como objetivo se impor diante da vítima (SERAFIM e SAFFI, 2012).

Para o estudioso Daniel Olweus, que estudou os efeitos do *bullying*, uma pessoa pode ser classificada como vítima do *bullying* no momento em que ela é de modo contínuo humilhada diante de atitudes depreciativas por um indivíduo ou um grupo de pessoas.

Olweus (apud, SERAFIM e SAFFI, 2012, p. 183) classifica o *bullying* de dois modos: direto - quando a ação do crime se dá de forma direta, através de apelidos pejorativos, intimidações, roubos, palavrões ou expressões e sinais que ocasionam mal-estar a outra pessoa; e indireto – quando não há a presença da vítima naquele ambiente. São ações de indiferença, exclusão, difamação e negação aos desejos. A prática indireta está mais presente entre o sexo feminino.

Essa forma de violência envolve três personagens, classificadas como vítimas, agressores e as testemunhas. São consideradas vítimas as pessoas que são agredidas, os agressores são os que cometem o ato e as testemunhas são aquelas que presenciam o ato agressivo. As testemunhas em alguns casos podem mostrar simpatia pelo agressor e em outros casos demonstram solidariedade pela vítima. Contudo, mesmo quando se sentem solidários a pessoa agredida, geralmente não se manifestam, pois sentem medo de serem o próximo alvo do praticante do *bullying* (SERAFIM e SAFFI, 2012).

As vítimas possuem características de personalidade relacionadas à difícil socialização. São pessoas inseguras, que apresentam baixa autoestima e passividade. Nos casos em que a vítima é uma criança, ela demonstra ser retraída e envergonhada. Por outro lado, o agressor vem de um contexto familiar desestruturado, possui dificuldades nos relacionamentos familiares, pais omissos na vida escolar do filho e tolerantes com as atitudes destes. Esses agressores não conseguem perceber os efeitos desastrosos que suas atitudes causam na vida da outra pessoa e por isso acreditam que as mesmas sejam uma qualidade própria. Além disso, a pessoa que pratica o *bullying* possui dificuldades na aprendizagem escolar, fazendo com que muitas vezes desistem de frequentar a escola e concluam o período letivo (SERAFIM e SAFFI, 2012).

Há casos em que a pessoa pode ser o agressor, e a vítima concomitantemente. Como exemplo podemos citar um jovem que apresenta uma personalidade agressiva e impulsiva e ao mesmo tempo se apresenta com baixa autoestima. Ele usa seu jeito agressivo como se fosse uma autodefesa, camuflando suas dificuldades. Além disso, são adolescentes vistos como indivíduos antissociais no ambiente em que estão inseridos (SERAFIM e SAFFI, 2012).

O *bullying* vem causando preocupação em vários profissionais da saúde e também da comunidade escolar, pois já é considerado um problema de saúde pública que afeta várias pessoas, sendo mais comum no início da adolescência por volta dos 11 aos 13 anos de idade. Números apontam que temos uma variância de 8 e 46% de alunos que são vítimas e entre 5 e 30% de agressores. Pesquisas feitas nos Estados Unidos afirmam que 13% dos jovens já praticaram *bullying*, 11% contam que foram vítimas e 6% já tiveram dupla função: vítimas e agressores (SERAFIM e SAFFI, 2012).

Crianças com suspeita de serem vítimas de *bullying* podem apresentar como sintomas: enurese noturna, alterações do sono, cefaleia, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, relatos de medo, resistência em frequentar a escola ou determinado lugar, insegurança por estar no ambiente escolar, queda na aprendizagem, atos deliberados de autoagressão, demonstrações de tristeza e quadros psiquiátricos como anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, quadros conversivos,

depressão e pânico. É recomendável principalmente aos responsáveis que fiquem atentos a possíveis mudanças no comportamento das crianças e adolescentes, visto que qualquer mudança no hábito de vida pode ser um sinal de que algo está errado (SERAFIM e SAFFI, 2012).

O *bullying* pode gerar consequências graves no decorrer da fase de desenvolvimento de uma criança. Adultos que foram vítimas do *bullying* no passado podem apresentar características de baixa autoestima, limitações nos relacionamentos afetuosos, estado emocional frágil, dificuldades em permanecer em um determinado emprego, fazem o uso de drogas lícitas e ilícitas e são impopulares (SERAFIM e SAFFI, 2012).

Desta forma ficaram evidentes as consequências prejudiciais do *bullying* na vida de uma pessoa. Nesses casos que envolvem várias alterações psicológicas, fica clara a necessidade de um acompanhamento do psicólogo para as vítimas do *bullying*, avaliando o impacto causado na vítima, oferecendo auxílio psicológico e acompanhamento e orientação familiar (SERAFIM e SAFFI, 2012).

2.2. PERFIS DOS PERSONAGENS DO *BULLYING*

Recorremos à abordagem da psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro *Bullying: Mentres perigosas nas escolas*. A autora é reconhecida por tratar desta temática.

Bullying como um assunto que desperta a atenção nesse momento atual da humanidade. Aponta que o mesmo consiste em uma agressão física ou psicológica, que pode ser identificada, enfrentada e vencida. Para isso é necessário que as pessoas tenham o conhecimento de como identificar essa agressão, já que é um assunto que desperta o nosso interesse (SILVA, 2010).

2.2.1 OS PROTAGONISTAS DO *BULLYING* ESCOLAR.

Nesse item serão apresentadas as características das vítimas, que segundo SILVA (2010) podem ser três tipos, a saber: típica, provocadora e agressora, as quais serão apresentadas em detalhe na sequência.

A *vítima típica* refere-se àquela pessoa que possui dificuldades em socializar com demais e que devido à timidez, pouco se manifestam diante de atitudes agressivas de outras pessoas. Estas se destacam e chamam a atenção dos agressores por apresentarem algum marcador de diferença, que pode ser físico (alta, baixa, gorda, magra, baixa visão, deficiência física ou intelectual, raça/etnia, orientação sexual, estilo de vestir, etc...), diante de um grupo as quais estão inseridas, muito altas ou baixas demais, fazem o uso de óculos que auxiliam na visão, possuem alguma deficiência, possuem manchas que estão visíveis no corpo, usam roupas diferentes ou fora de modas, são de raça, geralmente os negros, crença, orientação sexual e baixo poder aquisitivo...

Portanto, qualquer situação que a diferencie do padrão imposto por aquele grupo de pessoas ao qual está inserida, pode ser uma característica que a torna vítima do *bullying*. Normalmente essas vítimas apresentam sensibilidade, passividade, submissão, falta de coordenação motora, pouca autoestima, demonstram serem ansiosas, possuem dificuldades para se comunicar. Assim, em virtude das dificuldades para socializar junto aos demais do grupo, seja de forma física ou verbal, estes chamam a atenção de quem pratica o *bullying* (SILVA, 2010).

A *vítima provocadora* é aquela que introduz em seus colegas atitudes agressivas contra sua própria pessoa, ou seja, contra si mesma. Quando confrontada e ao se deparar, como: ataques ou insultos, essas vítimas, em geral, entram em discussão e em alguns casos chegam a agir de modo agressivo (SILVA, 2010).

Nesse modelo de prática do *bullying*, identificamos crianças ou adolescentes, que devido algum transtorno, provocam um ambiente tenso na escola. Geralmente são indivíduos que são hiperativos e impulsivos e/ou imaturos. Sem terem a noção da gravidade do resultado de seus atos, essas vítimas acabam vitimando elas próprias. Desta forma, os causadores iniciais dessa prática de *bullying*, acabam por ficar “desconhecidos” e livres para suas práticas de perseguição (SILVA, 2010).

A *vítima agressora* pode ser definida como aquela que “não leva desaforo para casa” ou “olho por olho, dente por dente”. Ela devolve os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, como forma de fazer justiça com as próprias mãos. A vítima agressora mira uma vítima mais frágil fisicamente e emocionalmente,

e prática contra esta todas as agressões que sofreu por outras pessoas. Assim, a prática do *bullying* ganha dimensões maiores e chega a se tornar um caso de saúde pública (SILVA, 2010).

Nesse ponto falaremos sobre as características dos agressores, que segundo SILVA (2010), podem ser de ambos os sexos. Sua personalidade apresenta características de maus tratos e desrespeito com o próximo. Geralmente se destaca por ter uma força física superior a dos colegas. É visto como um “líder” para aquele grupinho de crianças.

Desde cedo essas crianças e adolescentes apresentam baixa tolerância à frustração. Na maioria das vezes já participaram de pequenos furtos, roubos e práticas de vandalismo como depredação de bancos em praças, destruição de orelhões e quebras de vidraças. Já o rendimento escolar destes, costumam ser abaixo do esperado, o que de modo algum pode ser classificado como uma deficiência intelectual ou de aprendizagem (SILVA, 2010).

Contudo, no início do ano letivo, ao realizar as primeiras atividades escolares, apresentam bom rendimento escolar, demonstrando que o que lhes falta é afeto por parte de outras pessoas que convivem em seu meio. Essa falta de afeto e carinho pode ser percebida na própria casa onde essa criança ou adolescente está inserida. As primeiras atitudes de desrespeito, ausência de sentimentos de culpa e remorso para com o próximo, podem ser identificadas logo aos cinco, seis anos de idade da criança, quando ela pratica mãos-tratos contra animais, irmãos (geralmente os mais novos), empregados da casa e funcionários da creche que frequenta (SILVA, 2010).

Por último citamos as características dos espectadores, que pode se definir como a plateia que presencia as ações de *bullying* cometidas pelos agressores contra as vítimas, que diante desses fatos mantém a postura de omissão, ou seja, não interferem, defendendo a vítima das agressões, ou reforçando as práticas agressivas (SILVA, 2010).

Para Silva (2010), os espectadores podem ser classificados em três tipos: passivos, ativos e neutros. Os espectadores passivos possuem o receio de serem escolhidos como as próximas vítimas. Essa passividade muitas vezes tem início após alguma ameaça proferida por algum dos agressores. Estes, discordam e

repudiam as atitudes do praticante do *bullying*, embora optem por ficar em silêncio e se omitirem na defesa da vítima (SILVA, 2010).

Os espectadores ativos se caracterizam por incitarem a violência e agressão contra as vítimas. Embora não participem diretamente da prática do *bullying*, eles se divertem ao presenciar tais fatos. Vale lembrar que esses alunos em meio aos espectadores ativos podem identificar os causadores dos ataques, que estão por hora ocultos como bons moços, praticantes de boas condutas (SILVA, 2010).

Por fim, há os espectadores neutros que são aquelas crianças e adolescentes que já convivem diariamente com situações semelhantes às práticas do *bullying*, que residem em comunidades onde a violência está presente e faz parte de seu cotidiano (SILVA, 2010).

Vale destacar aqui que a omissão ao presenciar uma prática de *bullying* é imoral e/ou criminosa, assim como negar um socorro à uma vítima de acidente de trânsito. A omissão só contribui para fortalecer a impunidade e a expansão da violência, criando assim uma dificuldade para quem busca combater os atos de *bullying* (SILVA, 2010).

Segundo a psicóloga Ana Tomás Almeida (apud, MARTINS, 2009) o *bullying* ocorre:

quando se pensa existir perseguição e humilhação prolongada por parte de uma ou mais pessoas que se servem do seu poder para intimidar outro mais fraco que passa a ser vítima num relacionamento em que, precisamente o poder e a desigualdade dificultam que a última se proteja.¹

2.2.2 IDENTIFICANDO OS PERSONAGENS DO *BULLYING*.

Olweus (apud, SILVA, 2010, p. 47) psicólogo e pesquisador sobre o *bullying*, recomenda que:

[...] pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes, considerando possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de *bullying* escolar.

¹ MARTINS, Paula Pedro. **Bullying no mundo real e virtual**: 2009. Disponível em <:http://www.alert-online.com/br/magazine/bullying-no-mundo-real-e-virtual>. Acesso em: 26 de out. 2015.

Após fazer a identificação, do agressor, da vítima e do espectador, é possível traçar maneiras de como combater o *bullying*. Esses papéis desempenhados na escola, seja como vítimas, agressores ou espectadores, é idêntico, tanto no ambiente escolar como no cotidiano doméstico familiar (SILVA, 2010).

Segundo SILVA (2010) por meio da descrição do comportamento das vítimas no ambiente escolar e no meio familiar pode se verificar que: No ambiente escolar, no momento do intervalo, as vítimas do *bullying* buscam uma maneira de se sentir protegidas, geralmente ficam longe de pessoas que cometem as agressões e optam por ficar próximas de algum professor, de alguém da equipe de direção e coordenação da escola, guarda, zelador etc. No ambiente da sala de aula, se comportam de maneira tímida e pouco chamam a atenção. São pouco participativos nas discussões da classe, possuem dificuldades para expor opiniões e para fazer questionamentos.

Além disso, costumam faltar às aulas, com o objetivo de não ficar expostos e sofrerem as agressões. Frequentemente apresentam expressões faciais tristes, deprimidas ou aflitas. Quando surgem atividades em grupos propostas pelo professor, o aluno vítima do *bullying* quase sempre é o último a ser escolhido para fazer parte de alguma equipe de trabalho. Apresentam falta de interesse nas atividades escolares, e costumeiramente perdem materiais de uso exclusivo como cadernos, lápis, borrachas etc. Em casos mais graves da prática do *bullying*, apresentam hematomas sobre áreas do corpo, sendo os mais visíveis: arranhões, cortes, ferimentos, roupas estragadas, cabelos desarrumados, sangramento etc (SILVA, 2010).

No ambiente familiar, geralmente quando se aproxima o horário das vítimas irem à escola, elas se queixam de sentirem dores de cabeça, no estômago, enjoos, náuseas ocasionando o vômito, falta de apetite, noites mal dormidas. Mudanças rotineiras no grau de humor. Demonstram com facilidade irritação ou fúria. Possuem poucos ou até nenhum único amigo, não demonstrando interesse em fazer visita domiciliar a estes amigos. Raramente trocam telefonemas, *e-mails*, mensagens de texto, convites para participar de festas e eventos, passeios, viagens com a turma de sua classe (SILVA, 2010).

O gasto de dinheiro na cantina aumenta devido aos presentes ofertados às outras pessoas como merendas, lanches e objetos, quase sempre adquiridos na cantina da escola. Em razão disso, passam a pedir mais dinheiro aos pais, levando-os, em alguns casos, ao furto de dinheiro e objetos dentro da própria casa para dar a seus colegas e até aos agressores, como forma de diminuir o sofrimento e agressões provocadas pelos mesmos. Todavia, essa tática adotada pela vítima acaba não surtindo efeito satisfatório, e os agressores ao perceberem isso, acabam intensificando a pressão que exercem sobre as vítimas com o intuito de obter mais dinheiro e objetos de suas vítimas (SILVA, 2010).

Inventam desculpas para não frequentarem a escola, alegando doenças físicas (que podem de fato existir), com o objetivo de faltar às aulas. A vítima de *bullying* pode ser acometida de baixa imunidade fisiológica, fazendo com que o organismo da vítima sofra alterações que podem levar a algumas enfermidades. Demonstram-se infelizes na maioria das horas do dia, apresentando irritabilidade, ansiedade, tristeza, sonolência. Apresentam ainda um aumento ou desinteresse em se alimentar. No que compete ao desempenho escolar, torna-se totalmente desinteressada nas tarefas escolares (SILVA, 2010).

Vale destacar o comportamento dos agressores na escola e em casa. Para SILVA (2010), na escola, geralmente o início do *bullying* se dá através de brincadeiras sem graça, que após isso se ramificam para gozações, piadas provocativas, risos cínicos e hostis. Taxam as vítimas com apelidos depreciativos e expostos ao ridículo, com a finalidade de humilhar o outro. Afrontam, proferem calúnia, intimidam, ameaçam, coagem e menosprezam alguns colegas.

Ameaçam de forma clara ou indireta, impõem ordens, dominam seus pares. Buscam todas as formas de chamar a atenção, distribuem empurrões, socos, tapas, arranhões, rasgam roupas. Nos desentendimentos entre os alunos da classe os agressores estão sempre envolvidos, algumas vezes agindo nos bastidores e algumas vezes de forma direta. Usam os materiais escolares que pertencem ao colega sem a permissão desse (SILVA, 2010).

Em casa, desafiam todos os membros da família e até os empregados. Buscam possuir autoridades sobre os outros. Não respeitam os mais velhos ou os mais fortes fisicamente. Se mostram habilidosos a fim de aliviar a culpa nas confusões em que se envolveram. Mentem descaradamente de forma convicta a fim

de encontrar uma boa justificativa para as suas atitudes hostis. Adotam uma postura de superioridade perante os membros da família. Devido às brigas em que se envolvem nas ruas, esses aparecem em casa com roupas sujas e sinais de que se envolveram em confusão (SILVA, 2010).

Portam objetos e dinheiro de origem duvidosa. Os agressores agem como se tudo a sua volta estivesse na mais perfeita ordem e harmonia, buscando convencer os pais sobre todas as reclamações que virem a surgir contra a sua pessoa, sejam reclamações da escola, dos irmãos ou empregados da família (SILVA, 2010).

Para Silva (2010), os espectadores não estão de fato tão presentes na prática ativa do *bullying*. Somente uma investigação mais aprofundada vai levar à identificação dos espectadores, pois eles dificilmente denunciam algo que estejam vivenciando.

Tanto na escola como em casa, a postura do espectador é de se manter calado diante do fato presenciado. Alguns chegam até a contar alguma história relacionada ao *bullying*, mas se esquivam em dizer que foram vítimas ou que já presenciaram tal fato. Quando são questionados sobre como possuem esse conhecimento, dizem terem vistos em canais de televisão e em leitura de textos disponíveis na *Internet* (SILVA, 2010).

Acredita-se assim que seja possível criar ações na escola e na sociedade, capazes de promover a mudança na vida das crianças e jovens que agem de forma agressiva e violenta, devido o ambiente ao qual estão inseridos no dia-dia, como: lares desestruturados, doenças graves no núcleo familiar, pais tolerantes etc. Essas crianças e adolescentes, mesmo que com atitudes que não são aceitas socialmente, necessitam de nosso total apoio e carecem dele, pois mesmo no papel de violentador, eles também sofrem com as consequências desses atos agressivos (SILVA, 2010).

Os agressores com traços verdadeiramente perversos podem ser identificados, diante de um histórico de características como: mente de forma rotineira nas mais diversas circunstâncias; maus tratos aos animais de estimação, irmãos e amiguinhos; postura de desafiador diante dos pais e professores; sem responsabilidade; baixa tolerância à frustração quando contrariados, chegando a

agir com revides; insensibilidade, não possui sentimentos de culpa ou remorso pelos fatos praticados; não se sente constrangido, quando pego de surpresa; fugas da residência familiar ou da escola; incapazes de seguir as regras, mesmo sabendo que estão errados e podem sofrer punições; participação em crimes como fraudes, roubos e furtos; uso de substâncias tóxicas (drogas lícitas e ilícitas); sexualidade precocemente a florada, podendo atingir atos extremos para se satisfazer, como violentar outras crianças de menor porte físico; depredação de órgãos públicos e privados; facilmente põe a culpa em outrem pelos seus atos praticados; histórico de homicídio (SILVA, 2010).

Adolescentes com idade até 18 anos, que se comportam conforme descrito acima, podem ser caracterizados como um indivíduo que possui *transtorno de conduta*, podendo no decorrer da vida adulta, se tornar um cidadão psicopata. Para isso é importante um acompanhamento das nossas crianças e adolescentes, tanto no sistema familiar como no ambiente social, para que futuramente não venha a sofrer com essa situação. Pontuamos que o *transtorno de conduta* não é limitado, e pode fazer com que a pessoa cometa atos antissociais de forma rotineira. Para os jovens que se comportam dessa maneira, é preciso um acompanhamento rígido, com as regras e limites bem estabelecidos para evitar comportamentos que fogem das normas sociais. Qualquer situação que fuja desse controle é indispensável à aplicação de punições sem tolerância (SILVA, 2010).

Mesmo que o comportamento do indivíduo seja algo desrespeitoso em um momento pontual, ao de perceber que a intenção do indivíduo é maléfica, deve-se ter uma postura de intolerância para tais atos (SILVA, 2010).

2.2.3 DESENVOLVIMENTO DE REDE PARA ENFRENTAR O *BULLYING*: LIÇÕES CANADENSES

O *bullying* é uma forma de violência muito grave no Brasil (Pinheiro & Williams, 2009; Neto, 2003), com base em contínuas práticas agressivas entre pares, em diferente classe de poder, onde o autor da violência tem a finalidade de causar hematomas físicos ou pressão psicológica sobre outra pessoa (Olweus, 2003).

Embora um grande número de casos, raras são as intervenções avaliadas de forma contextualizada de maneira sistemática específica ao *bullying* e a violência nas escolas do Brasil, sendo o cenário brasileiro, muito diferente de outros países.

Notadamente na América do Norte, foram explicitadas as etapas consideradas necessárias para se desenvolver e avaliar um programa preventivo (por exemplo, Dumka, Roosa, Michaels, & Suh, 1995; Rossi, Lipsey & Freeman, 2004), sendo identificados os programas com melhores resultados (Blaya, Debarbieux, & Denechau, 2008; Wilson & Lipsey, 2007). Certamente seria desaconselhável transpor um modelo de avaliação de programas de outros países para o Brasil, tampouco simplesmente importar programas estrangeiros tidos como efetivos para o contexto brasileiro. Contudo, conhecer experiências internacionais e atentar para as dificuldades e maneiras que outros países têm encontrado para solucioná-las poderá enriquecer nossas pesquisas, bem como nossos esforços preventivos (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2012).

No Canadá, no decorrer do ano 2006, criou-se uma rede denominada *PREVnet: Promoting Relationships and Eliminating Violence Network* (Promovendo Relacionamentos e Eliminando a Violência), com a finalidade de: educar para que a população canadense e os órgãos que lidam com crianças e adolescentes se engajem no combate ao *bullying*; criar mecanismos para crianças, adolescentes, família, escola e sociedade se atentarem aos efeitos do *bullying*; apoio em ações preventivas científicas que atendem as várias fases do desenvolvimento da pessoa; se envolver no desenvolvimento de políticas públicas para que se conceitue o que será considerado *bullying* e quais serão as ações com relação a vítima, ao mentor, aos demais envolvidos na prática do *bullying*, aos adultos que de alguma maneira estão relacionado a esses alunos e a sociedade quando um abuso ocorrer (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2012).

Segundo os autores as estratégias são:

A rede busca fornecer variadas estratégias, abarcando diferentes públicos. No endereço eletrônico da rede, essas estratégias são detalhadas e subdividem-se em informações para (...) Com relação à *estratégia para todos*, há a divulgação de resultados de pesquisas em breves descrições ao leigo apontando as implicações negativas do bullying. Algumas das *estratégias para crianças e adolescentes* incluem: divulgação de um número de telefone a ser discado caso precisem de ajuda; panfletos que indicam o que fazer se a criança for vítima, autor ou testemunha de bullying; modelo de carta para contar a um adulto se a criança/adolescente estiverem envolvidos em bullying; atividades para a criança/adolescente sugerirem a professores e colegas; e vídeos de curta duração sobre o fenômeno (2012).

Referente a *estratégias para os pais*, pontua-se por que motivo os genitores deveriam atentar-se com o fenômeno do *bullying/cyberbullying*; como agir quando os filhos são os causadores do abuso, vítimas ou plateia de *bullying/cyberbullying*; divulgam-se ações para uma relação saudável entre pais e filhos; especifica-se como agir para dar auxílio aos filhos com relação ao *bullying* quando são homossexuais; e são feitas meditações sobre como a escola do filho tem se posicionado diante do *bullying* (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2012).

A respeito das *estratégias para educadores e outros profissionais* (motoristas de ônibus escolar, babás, líderes recreativos), busca-se explicitar a importância do papel que esses exercem para o combate ao problema, destacando-se o quanto servem de modelo para as crianças e adolescentes e como deveriam agir com os alunos envolvidos no *bullying*. Adicionalmente, sugerem-se atividades a serem realizadas com as crianças e adolescentes pelos profissionais, como discussões, dramatizações, colagens e pesquisas. Os professores também têm acesso a questionários que podem ser utilizados para medir o fenômeno do *bullying* e para avaliar o quanto se sentem preparados e apoiados para lidar com o problema, fornecendo sugestões sobre onde procurar mais informações (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2012).

O modelo de rede canadense pode servir como exemplo de atuação para o Brasil no combate ao *bullying*, não deixando de considerar as seguintes lições: o enfrentamento do *bullying* é de responsabilidade de toda a sociedade e, por isso, as ações de combate devem partir de uma articulação entre os distintos segmentos sociais; mais importante do que criar novos serviços, entidades e instituições que competirão por recursos é envolver aquelas já existentes, fortalecendo-as em direção ao objetivo coletivo do enfrentamento do *bullying*; os pesquisadores devem se atrelar, somar forças a despeito de suas diferenças metodológicas ou teóricas, evitando com isso a competição por prestígio ou poder; o *bullying* é um problema que ocorre no relacionamento entre as pessoas, com isso, deve-se propor meios de criação de relacionamentos saudáveis, ao invés da prática de ameaças, temores e recriminações; os recursos financeiros para manter as atividades deve partir de diferentes fontes, tanto de recursos individuais quanto da iniciativa pública e privada; a rede deve manter um forte empenho com a pesquisa, tanto no que se refere à elaboração e divulgação de estratégias baseadas em evidências, quanto à contínua avaliação da própria rede; e tal rede deve ser transparente perante a sociedade e seus próprios colaboradores (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2012).

Sem dúvidas instalar uma rede de enfrentamento ao *bullying* no Brasil, tal como a PREVnet, não é uma tarefa simples. Oposto a isso, acredita-se que tal iniciativa seja propícia, diante da alta prevalência do fenômeno no Brasil e a necessidade de buscar soluções para seu enfrentamento e prevenção (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2012).

2.3 CYBERBULLYING

Silva (2010, p. 24) descreve *bullying* virtual como:

(...) Novas formas de *bullying* surgiram através da utilização dos aparelhos e equipamentos de comunicação (celular, internet), que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de *bullying* é conhecida como *ciberbullying* (...)

2.3.1 CYBERBULLYING E SUA RELAÇÃO COM O BULLYING TRADICIONAL

O *bullying* ganhou maior destaque no Brasil a partir deste milênio, sendo enfatizado pela mídia brasileira, que deu uma maior ênfase a esse problema. Todavia, o *bullying* virtual começou a ser discutido a partir do ano de 2010 (LIMA, 2011).

O estudo sobre *cyberbullying* ainda é recente em nosso país. Apesar disso existem registros de fatos ocorridos antes desse período, como o caso de uma estudante de universidade da região Sul do Brasil. Isso demonstra que esse problema está presente em nosso meio, bem antes de atentarmos a essa temática, já quando o uso de internet crescia em meio à população, mais especificamente ao final dos anos 90. Muito embora, naqueles anos, o país ainda fosse carente de mecanismos especializados que identificassem e combatessem o problema denominado *cyberbullying*. A sociedade brasileira ainda em sua ampla maioria, não possuía o conhecimento de como proceder diante de tais fatos, mesmo contando com setor de Crimes Digitais na Polícia Federal ao final da década de 90 (LIMA, 2011).

Willard (2006, apud, LIMA, 2011, p. 69) define *cyberbullying* como:

O ato de mudar ou postar material danoso ou outras formas de engajar em agressão social usando a Internet ou outros tipos de tecnologias digitais, tais como os celulares de terceira geração. Estas comunicações *online* podem ser viciantes e o *cyberbullying* pode acontecer a qualquer momento, nas 24 horas do dia e nos sete dias da semana. Texto ou imagens comprometedoras podem ser disseminados de forma ampla, sendo impossível retirar o conteúdo da Internet.

Para Sharif (2008, apud, LIMA, 2011, p. 69) no ato de cometer o *cyberbullying* o agressor recorre aos meios tecnológicos disponíveis como: *e-mail*, celulares e *paggers*, mensageiros instantâneos, sites, assim como outros meios virtuais, com o objetivo de causar dano à imagem da vítima de forma determinada, repetindo comportamentos hostis. Essa forma de agir pode ser praticada por uma ou mais pessoas sempre com o mesmo objetivo final, que é causar consequências danosas à outra pessoa.

Esta definição de *cyberbullying* é corroborada por Hinduja e Patchin (2009, apud, LIMA, 2011, p. 70), que a descrevem como, “o desejo intenso de infringir danos repetitivos a partir do uso de computadores, Internet, celulares e outros tipos de dispositivos eletrônicos”.

Observa-se, que os meios virtuais são os auxílios para a prática de ação dos ofensores. Isto quer dizer que, quem usa dessas ferramentas, o faz de forma planejada (LIMA, 2011).

Para estes estudiosos, na ação do *cyberbullying*, contém os elementos: *Desejo intenso*: a ação é pensada e posta em prática, não sendo acidental. *Repetição*: o *bullying* virtual possui características repetitivas e não apenas uma ação isolada. *Dano*: a pessoa na condição de vítima deve tomar conhecimento de que um dano foi infringido. *Uso de Internet, aparelhos celulares, computadores ou outros aparelhos eletrônicos*: sendo que o uso destas ferramentas é que distingue o *cyberbullying* do *bullying* habitual (LIMA 2011).

Para os pesquisadores Willard, Kowalskim, Limber e Agaston (2006 e 2009, apud, LIMA, 2011, p. 70) existem oito características de *cyberbullying*, sendo eles: provocação incendiária: a partir de insultos que iniciam *online* e se alastram rapidamente, fazendo o uso de palavrões e ofensas; assédio: identificado como a remessa de mensagens caluniosas, com a intenção de insultar a vítima; difamação: a prática de difamar ou injuriar o outro, por meio de fofocas e rumores espalhados

pela internet, buscando causar danos à sua reputação; roubo de identidade: quando um indivíduo (o agressor) se passa por outra pessoa (a vítima) na internet, fazendo o uso dos dados pessoais, por exemplo: conta de *e-mail* ou *messenger*, com a finalidade de constranger e causar danos à outra pessoa; violação da intimidade: através da divulgação de segredos, informações e fotos íntimas ou comprometedoras de terceiros; exclusão: por meio do afastamento de alguém de modo intencional, em uma comunidade virtual: ameaça cibernética: envio constante de mensagens de texto ameaçadoras ou intimidadoras. *happy slapping*: é a interface mais nítida entre o *bullying* tradicional e o virtual. Essa violência é gerada pela exposição de vídeos contendo cenas de agressão física, onde uma pessoa na condição de vítima pode ser escolhida, de modo intencional ou não, para ser agredida fisicamente ou verbalmente, e a violência infringida é registrada por meio de aparelhos celulares ou filmadoras, e em seguida o vídeo é postado em *sites*, como o *You Tube* ou o *Google Vídeos*, buscando trazer mais humilhação à vítima.

Para LIMA (2011) os efeitos que o *cyberbullying* causa nas suas vítimas, não diferem muito dos das vítimas de *bullying* presencial. Por isso é interessante citar aqui, alguns sinais que uma vítima de *cyberbullying* ou de outro tipo de violência virtual apresenta: demonstração de perturbação ou de ansiedade após utilizar a internet; tentativa ou postura de ocultar a tela do computador sempre que adulto se faça presente; tentativa de exclusão o histórico dos *sites* navegados; baixa autoestima; isolamento dos membros familiares e amigos íntimos.

Por outro lado, há alguns aspectos que diferenciam o *bullying* presencial do *cyberbullying*. No *bullying* virtual, o agressor pode ficar oculto e a vítima pode não conseguir identificá-lo.

Sobre isso, Shariff (2008, apud, LIMA, 2011, p. 72) diz que:

A maioria das ações do acoso cibernético se dá de forma anônima, gerando novos desafios para as escolas. Contudo, por mais que o *cyberbullying* comece de forma anônima, esta ação gera impacto presencial nas escolas, e as consequências podem ser devastadoras para as vítimas, comprometendo seriamente seu desenvolvimento emocional vários anos ou por toda sua vida. O fato de ficar imaginando e buscando saber quem é o autor ou o possível agressor gera medo, desconforto, tristeza, ressentimento, criando, assim, um ambiente escolar hostil e inseguro para a vítima.

A seguir algumas diferenças de forma direta e indireta do *bullying* presencial e do *cyberbullying*: Exemplos de *bullying* tradicional praticado de forma direta: físico (espancar), material (quebrar objetos de outra pessoa), verbal (palavrões), não verbal (expressões obscenas) e social (excluir alguém do grupo). Exemplos de *bullying* tradicional praticado de forma indireta: espalhar rumores que desmoralizam a vítima (LIMA, 2011).

Exemplos de *cyberbullying* tradicional praticado de forma direta: físico (*happy slapping*), material (enviar arquivos com a intenção de danificar o computador do outro), não verbal (enviar material agressivo e/ou pornográfico), social (excluir a vítima de um grupo virtual). Exemplos de *cyberbullying* tradicional praticado de forma indireta: roubo de identidade (fazer se passar pela vítima sem o conhecimento dela), disseminação de rumores inverídicos através da internet ou aparelho celular, participação em *sites* de votação para denegrir a vítima sem o seu conhecimento (LIMA, 2011).

Outro importante fator que diferencia o *cyberbullying* do *bullying* presencial é de que as postagens uma vez postadas na internet podem ganhar uma proporção enorme, atingindo em poucos minutos vários lugares do mundo, sendo quase impossível apagá-las. Se não bastasse, o computador e o celular são objetos usados cotidianamente nos processos de ensino e aprendizagem e de inclusão e socialização dos adolescentes. Desse modo, todas as vezes que os adolescentes acessarem a internet, poderão se deparar com comentários destrutivos, que, em poucos instantes, podem chegar aos olhos de vários internautas, deixando a vítima, totalmente sem reação diante de toda essa situação vivenciada. Isso torna o *cyberbullying* uma forma de exposição mais grave que o *bullying* presencial (LIMA, 2011).

O *cyberbullying* pode ser observado sob diferentes pontos de vista. Alguns especialistas, como Fante, Pedra, Maldonado e Silva (2005, 2008, 2011 e 2009, apud, LIMA, 2011, p. 74), classificam o *cyberbullying* como uma prática de violência mais severa se levada em conta o *bullying* tradicional. Como justificativa, argumentam que a ação fica exposta no meio virtual. Em contrapartida, os especialistas Palfrey e Boyd (2009 e 2008, apud, LIMA, 2011, p. 74), consideram que:

(...) o *bullying online* como sendo uma boa oportunidade para promover uma intervenção, em função de sua maior visibilidade. Por mais que existam casos mais complexos, tal como o do jovem Guerra nas Estrelas, que mostra a possibilidade de uma situação de *cyberbullying* poder atingir uma audiência global, por outro lado, é importante analisar o fenômeno a partir de casos mais comuns, concretos e reais e não apenas simulando o que é possível acontecer no futuro, embora saibamos que este também precisa ser previsto.

Outro fato que merece destaque, é que no caso do *bullying online*, é preciso se atentar às plateias, pois esses indivíduos que assistem a prática da violência virtual podem levar ao agravamento da situação, dando ênfase e compartilhando aquela informação no ciberespaço. A plateia é composta por terceiros que visualizam o material postado nas redes, chegando em alguns casos a manifestarem suas opiniões por meio de comentários. Além do grande número de pessoas assistindo a esses posts, outro fator levado em conta é o número de vezes que um vídeo ou páginas de *cyberbullying* é visitada por pessoas no meio virtual. O número de visualizações de um material considerado *bullying online* pode ser reconhecido como uma ação intensificada possuindo uma característica do padrão de comportamento agressivo de *bullying* virtual, sendo indispensável à exclusão do material de modo urgente, com o objetivo de prevenir ou frear a atitude violenta (LIMA, 2011).

Nesse sentido Lima (2011) ressalta que:

A maioria dos programas de prevenção ao *bullying* e ao *cyberbullying* procura fazer um trabalho com a plateia de pessoas que visualizam uma ação violenta, fazendo com que esta, ao invés de incentivar o ato agressivo, seja responsável por sua denúncia e ajude a vítima a sair da situação e acolher a sua dor.

Sobre a temática da privacidade na internet, Sharrif (2008, apud, LIMA, 2011, p. 75) faz uma reflexão ao destacar que em algumas práticas de *cyberbullying* contra professores podem, tomar outro caminho, não planejado inicialmente.

As ações de *bullying* contra um determinado professor devem ser vistas sobre diferentes aspectos, pois, em muitos casos judiciais, estudantes afirmam que estavam apenas dialogando com outros estudantes a respeito do professor e, portanto, a ação não deveria ser considerada como *cyberbullying*, pois as mensagens postadas não visavam ferir ninguém e não deveria ter sido lida pelo educador.

Observa-se que alguns desses alunos consideram essas mensagens como uma atitude de livre expressão, onde temas da escola podem ser discutidos ou servir como justificativa para as chacotas protagonizadas por parte desses alunos. Embora muitos adultos não reconhecem as mensagens postadas em páginas de redes sociais como privadas, por estarem expostas publicamente, muitos juízes e advogados reconhecem este fato como direito à privacidade pertencente à toda e qualquer pessoa. Sendo assim, todo cuidado é pouco e toda a atenção é indispensável e necessária (LIMA, 2011).

2.3.2 REVENGE PORN

De acordo com pesquisa divulgada no site Canal Ciências Criminais (2015), por Marcelo Crespo, Doutor e Mestre em Direito Penal (USP), *Revenge Porn*, ou Pornografia da Vingança, é uma agressão moral por meio da qual algumas pessoas publicam através das redes sociais, com a utilização de celulares e aparelhos computadores, sem consentimento da vítima, de fotos e vídeos de natureza explícita ou com a intimidade exposta. Geralmente o alvo dessas publicações são pessoas do gênero feminino, que são vítimas na grande maioria dos casos, dos ex-amantes, ex-maridos ou indivíduos que, tiveram alguma relação com a vítima, mesmo que essa relação tenha ocorrido dentro de um período breve de tempo (CRESPO, 2015).

Art. 154-A. Invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita:

Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

§ 1º Na mesma pena incorre quem produz, oferece, distribui, vende ou difunde dispositivo ou programa de computador com o intuito de permitir a prática da conduta definida no *caput*.

§ 2º Aumenta-se a pena de um sexto a um terço se da invasão resulta prejuízo econômico.

§ 3º Se da invasão resultar a obtenção de conteúdo de comunicações eletrônicas privadas, segredos comerciais ou industriais, informações sigilosas, assim definidas em Lei, ou o controle remoto não autorizado do dispositivo invadido:

Pena – reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa, se a conduta não constitui crime mais grave.

§ 4º Na hipótese do § 3º, aumenta-se a pena de um a dois terços se houver à divulgação, comercialização ou transmissão a terceiro, a qualquer título, dos dados ou informações obtidos.

§ 5º Aumenta-se a pena de um terço à metade se o crime for praticado contra: I - Presidente da República, governadores e prefeitos; II – Presidente do Supremo Tribunal Federal; III – Presidente da Câmara dos

Deputados, do Senado Federal, de Assembleia Legislativa de Estado, da Câmara Legislativa do Distrito Federal ou de Câmara Municipal; ou IV – dirigente máximo da administração direta e indireta federal, estadual, municipal ou do Distrito Federal (GRECO, 2014, p. 603 e 604).

Em situações que envolvem vítimas menores de 18 anos completos, aplica-se, ainda, o Estatuto da Criança e do Adolescente (CRESPO, 2015).

A Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Nesta Lei, podemos encontrar os Artigos:

Art. 240. Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente:

Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.

§ 1.º Incorre nas mesmas penas quem agencia, facilita, recruta, coage, ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nas cenas referidas no *caput* deste artigo, ou ainda quem com esses contracenava.

§ 2.º Aumenta-se a pena de 1/3 (um terço) se o agente comete o crime:

I – no exercício de cargo ou função pública ou a pretexto de exercê-la; II – prevalecendo-se de relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade; ou III – prevalecendo-se de relações de parentesco consanguíneo ou afim até o terceiro grau, ou por adoção, de tutor, curador, preceptor, empregador da vítima ou de quem, a qualquer outro título, tenha autoridade sobre ela, ou com seu consentimento (NUCCI, 2010, p. 252).

Art. 241. Vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa (NUCCI, 2010, p. 257).

Art. 241-A. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente:

Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.

§ 1.º Nas mesmas penas incorre quem: I – assegura os meios ou serviços para o armazenamento das fotografias, cenas ou imagens de que trata o *caput* deste artigo; II – assegura, por qualquer meio, o acesso por rede de computadores às fotografias, cenas ou imagens de que trata o *caput* deste artigo.

§ 2.º As condutas tipificadas nos incisos I e II do § 1.º deste artigo são puníveis quando o responsável legal pela prestação do serviço, oficialmente notificado, deixa de desabilitar o acesso ao conteúdo ilícito de que trata o *caput* deste artigo (NUCCI, 2010, p. 258).

Art. 241-B. Adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente:

Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 1.º A pena é diminuída de 1 (um) a 2/3 (dois terços) se de pequena quantidade o material a que se refere o *caput* deste artigo.

§ 2.º Não há crime se a posse ou armazenamento tem a finalidade de comunicar às autoridades competentes a ocorrência das condutas descritas nos arts. 240, 241, 241-A e 241-C desta Lei, quando a comunicação for feita

por: I – agente público no exercício de suas funções; II – membro de entidade, legalmente constituída, que inclua, entre suas finalidades institucionais, o recebimento, o processamento e o encaminhamento de notícia dos crimes referidos neste parágrafo; III – representante legal e funcionários responsáveis de provedor de acesso ou serviço prestado por meio de rede de computadores, até o recebimento do material relativo à notícia feita à autoridade policial, ao Ministério Público ou ao Poder Judiciário.

§ 3.º As pessoas referidas no § 2.º deste artigo deverão manter sob sigilo o material ilícito referido (NUCCI, 2010, p. 263).

Art. 241-C. Simular a participação de criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica por meio de adulteração, montagem ou modificação de fotografia, vídeo ou qualquer outra forma de representação visual:

Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas quem vende, expõe à venda, disponibiliza, distribui, publica ou divulga por qualquer meio, adquire, possui ou armazena o material produzido na forma do *caput* deste artigo (NUCCI, 2010, p. 267).

Art. 241-D. Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso:

Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Paragrafo único. Nas mesmas penas incorre quem: I – facilita ou induz o acesso à criança de material contendo cena de sexo explícito ou pornográfica com o fim de com ela praticar ato libidinoso; II – pratica as condutas descritas no *caput* deste artigo com o fim de induzir criança a se exibir de forma pornográfica ou sexualmente explícita (NUCCI, 2010, p.268).

Art. 241-E. Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão “cena de sexo explícito ou pornográfica” compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição dos órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais (NUCCI, 2010, p. 270).

2.3.3 HOMENS QUE SÃO SEXUALMENTE ATRAÍDOS POR CRIANÇAS

Em nosso meio existem as mais diferentes personalidades do ser humano, entre eles existem os pedófilos, assim como indivíduos que abusam de crianças por diversas razões. Os motivos que levam a molestar uma criança são bem mais ingênuos do que as complicadas teorias de “aspirações homossexuais inconscientes da mãe”. Os agressores sexuais não praticam abuso por serem magicamente encantados por crianças agressivas e atraentes, nem porque estão “compensando as frustrações orais infligidas pela mãe”, para citar Lustig et al. Também elimina-se o álcool ou o estresse em suas vidas que o levam a causarem o abuso. Desconsidera ainda o fato de eles simplesmente “estarem apaixonados” e a diferença de idade é irrelevante. A diferença de idade é ininterruptamente relevante. Sem sombra de

dúvidas, a diferença de idade é o cerne da questão aqui levantada. Em ampla maioria dos casos, eles abusam de crianças, unicamente porque é atraída sexualmente para essa faixa etária (SALTER, 2009).

Os rótulos para esse grupo dilataram quanto ao histórico de campo, mas a existência do grupo sempre foi perfilhada cada vez que um diagnóstico real dos agressores foi feita. Qualquer separação de abusadores sexuais em subgrupos sempre encontrou um conjunto que é atraído sexualmente por crianças (SALTER, 2009).

Esses abusadores foram definidos por alguns pesquisadores como:

O pesquisador Paul Gebhard os chamou de agressores “seguidores de um padrão”, em oposição a agressores “incidentais”. Swanson falou de “indivíduos para os quais a criança representa o objeto sexual de preferência” em oposição “aqueles na outra ponta do *continuum* onde a escolha de um objeto sexual imaturo é virtualmente uma questão de conveniência ou coincidência”. Kurt Freund descreveu agressores que eram atraídos primariamente por crianças *versus* aqueles que usavam a criança como substituto de um parceiro adulto. Nicholas Groth dividiu os agressores em “ocasionais” e “obcecados”, enquanto Richard Lanyon usou os termos “preferência” *versus* “situacional”. Hilary Eldridge os descreveu como agressores “contínuos” *versus* “descontínuos” (SALTER, 2009, p. 73).

Todos os termos da citação acima descrevem conceitos semelhantes. O que está evidente há mais de três décadas é que alguns agressores são fixados em seus interesses sexuais. Seu desejo sexual por crianças é, algumas vezes, peculiar e ocasionalmente ocorre em conjunção com uma atração por adultos também (SALTER, 2009).

2.3.4 SEXTING

Alguns países já consideram o *sexting* como uma “praga” que vem rotineiramente fazendo parte do cotidiano dos adolescentes e até adultos, levando muitas pessoas a considerarem esse fenômeno como algo natural. Embora tenha despertado a atenção a poucos anos, vale destacar que o *sexting* não é novo, é um problema universal e não faz parte de um costume temporário (ABREU, EISENSTEIN e ESTEFENON, 2013).

Mas afinal, o que seria o *sexting*, para Fernández (2013, apud, ABREU, EISENSTEIN e ESTEFENON, 2013, p. 72/73), que escreveu sobre *sexting*, o termo tem origem na junção das palavras *sex* e *texting*, termo característico para descrever o envio de mensagens de texto (*texting*) juntamente com conteúdo erótico (*sex*) por meio de aparelhos celulares. Assim como no caso de envio de mensagens de texto, a pessoa na função de remetente bate uma foto do seu próprio corpo e envia através do aparelho tecnológico a uma pessoa do outro lado da linha, não necessariamente uma pessoa com quem mantém um casamento ou namoro.

No caso de uma terceira pessoa ter acesso a essas imagens e posteriormente compartilhar as mesmas com demais pessoas, ela também é caracterizada como um praticante do *sexting*. No caso de envolvimento de imagens de menores de idade, tanto o indivíduo que registrou, como o que reenviou as imagens poderão sofrer penalidades por prática de corrupção de menores (FERNÁNDEZ, 2013).

Para Crespo (2015)

A produção de imagens e vídeos com conteúdo de nudez não é necessariamente um ilícito civil ou penal porquanto não fere, necessariamente, direitos pessoais e nem significa subsunção imediata a tipo penal, como se verá mais adiante. O principal problema reside justamente no fato de que o remetente perde totalmente o controle sobre a distribuição do material que, além de tudo, se dissemina muito rapidamente na *Internet*, podendo chegar à inóspita *Deep Web*, de onde dificilmente serão removidos, perpetuando o ato e se tornando um verdadeiro tormento para muitos.²

2.3.5 CASO E LEI CAROLINA DIECKMANN

O Caso - Um dos casos mais emblemáticos de famosos que tiveram fotos nuas divulgadas na internet trata-se da atriz brasileira Carolina Dieckmann. Em maio de 2012, mais precisamente em uma tarde de sexta feira (04), o assunto tomava conta dos comentários no Twitter em todo o mundo, depois de supostas fotos nuas de Dieckmann terem circulado nas redes sociais (G1, 2012).

O surgimento de toda essa polêmica teve início quando a atriz global teve a sua conta de *e-mail* invadida por *craquers*. Eles conseguiram invadir a conta da

² Deep Web é o conteúdo da internet – World Wide Web – que não é indexado pelos mecanismos padrão e, portanto, não faz parte da superfície da rede e não pode ser acessada pelos sites de busca tradicionais.

vítima e divulgaram as imagens na internet, após a atriz não atender ao pedido dos criminosos que era de 10 mil reais pela não publicação das imagens (REIS, 2014).

Recentemente, antecedendo o caso Dieckmann, outras personalidades famosas tiveram sua intimidade nua divulgada na web. Em 2011, imagens da atriz, cantora e modelo americana Scarlet Johansson foi vítima desse crime. Johansson aparecia em fotos tirando autorretratos com um aparelho celular em frente a um espelho. Nas imagens divulgadas, era possível ver todo o corpo da atriz, assim como um close de seus seios enquanto ela está deitada sobre a cama (G1, 2012).

O hacker Christopher Chaney foi capturado pela polícia americana, sob a acusação de ter sido ele o responsável por obter as fotos do celular de Johansson. Após a prisão, Chaney pediu perdão e afirmou ser um vício “Peço desculpas, sei o que fiz foi uma das maiores invasões de privacidade que uma pessoa pode sofrer... virou um vício em saber o que acontecia com as pessoas que via nas telas todos os dias” (G1, 2012).

Em meados de 2012, surgiram na internet, supostas fotos sensuais da atriz Heather Morris. Nas imagens, uma mulher aparece totalmente nua em frente a um espelho, já em outras fotos possui apenas um sutiã (G1, 2012).

A *Lei 12.737/12* - O crime cometido contra Carolina Dieckmann, provocou uma alteração na legislação penal para a tipificação dos crimes cometidos via internet, que se deu com o surgimento da *Lei nº 12.737/12*, que veio a atender ao anseio da população, com o intuito de combater a ação e punir os responsáveis pelo delito cometido no ambiente virtual (REIS, 2014).

O Brasil, até então, não possuía um ordenamento jurídico que atendesse especificamente aos crimes cometidos na web, o que levava o magistrado a fazer uso da analogia para justapor a legislação que versava sobre casos semelhantes já ocorridos. Houve então a alteração conforme descrito por Reis (2014):

(...) a violação de e-mail era enquadrada como crime de violação de correspondência, previsto na *Lei nº 6.538/78*, que, em seu art. 40, estatui que é crime devassar indevidamente o conteúdo de correspondência fechada dirigida a outrem, estabelecendo a pena de detenção, de até seis meses, ou o pagamento não excedente a vinte dias-multa. Dessa forma, o legislador editou a *Lei nº 12.737*, de 30 de novembro de 2012, mais conhecida como “*Lei Carolina Dieckmann*”, que teve um período de vacância de 120 dias e entrou em vigor em 2 de abril de 2013, dispondo exatamente sobre a tipificação criminal de delitos informáticos, inserindo no

Código Penal brasileiro os arts. 154-A e 154-B, no art. 266 do diploma legal dois parágrafos e, na redação do art. 298 do Estatuto Penal em vigor, o parágrafo único.

3 MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa teve como tema central a análise de comentários sobre *Revenge Porn* em uma rede social, a partir de um caso de exposição de fotos de pessoas famosas. A problemática levantada buscava identificar “*Que tipo de comentários recebem as vítimas de Revenge Porn em uma rede social?*”

A relevância do estudo, do ponto de vista psicológico, reside na compreensão do comportamento dessas pessoas que se caracterizam como “plateia” diante de conteúdos/fotos envolvendo *Revenge Porn*. Definimos como objetivo geral “explorar os comentários recebidos em notícias sobre exposição não autorizada de fotos de pessoas famosas”, a exemplo do que aconteceu com a atriz Carolina Dieckmann. Traçamos como objetivos específicos: identificar comentários positivos e negativos em relação a estas postagens; e, evidenciar os aspectos mais relevantes em relação a teoria estudada.

3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Para dar conta da problemática e atingir os objetivos traçamos o seguinte percurso metodológico:

- 1) Inicialmente, para compreender melhor o tema, se fez uso de pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002, p. 44 e 45)

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

As fontes de pesquisa bibliográfica foi realizada buscando os conceitos: *Bullying*, *Cyberbullying*, *Revenge Porn* e *Sexting* em livros, artigos e sites.

- 2) A coleta e análise dos dados foi realizada a partir de notícias a respeito do *Revenge Porn*, publicadas na Internet no segundo semestre do ano de 2015. Esse procedimento contou com o auxílio do

programa NVivo 11, através do qual se pode capturar o conteúdo das postagens e comentários nos sites e organizar para análise categorial (aspectos positivos e negativos). As etapas desta análise subdividiram-se de acordo com o proposto por Bardin (2011, p.125-132) da seguinte maneira:

3)

- a. **Pré-análise** – etapa de organização do material. Período onde a intuição do pesquisador auxilia na busca de alguns documentos iniciais. Nessa fase deve ser realizada a “leitura flutuante”, que consiste em estabelecer contato com os documentos, analisar e conhecer o texto se deixando “invadir por impressões e orientações”. Posteriormente se realiza a escolha de alguns documentos em detrimento de outros, estabelecendo o “*corpus*”, conjunto de documentos que serão submetidos à análise. Para essa definição estabelecemos como critério, notícias recentes (no segundo semestre de 2015), que não fossem repetidas e onde houvessem comentários; entre os comentários foram excluídos aqueles que caracterizavam somente “deboche” (kkkkk) e os que apresentavam “duplo sentido/interpretação”, por não ser possível abstrair o que o/a autor/a quis dizer.
- b. **Exploração do material** – aqui foi realizada a fase onde procedimentos do software auxiliaram a encontrar termos que caracterizavam o bullying ou a busca manual de padrões entre os comentários.
- c. **Tratamento dos resultados obtidos e interpretação** – Alguns dados foram quantificados nesta etapa. Apresentando, por exemplo, o número de comentários por página ou dos negativos.
- d. **Categorização** – Classificação dos comentários segundo as categorias de análise: positivos e negativos. Entendemos como “positivos” aqueles comentários que apresentavam algum nível de solidariedade, empatia ou reflexão; e, como “negativos” os comentários depreciativos, jocosos, destrutivos que atacavam até mesmo a honra ou duvidavam do fato da pessoa não ter

autorizado, considerando que a exposição beneficiava a pessoa por coloca-lo(a) em evidência na mídia.

- e. **Discussão** – Neste item realizou-se a discussão propriamente dita entre os “achados” e a teoria.
- f. **Cuidados éticos da pesquisa** - Por uma questão de ética, a identidade dos autores dos comentários utilizados no estudo, será omitida no texto.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Foi feita uma pesquisa através de uma página onde foi publicada uma notícia intitulada: **Stênio Garcia fala sobre vazamentos de fotos; “minha intimidade”**. A notícia foi destaque na página do G1/Fantástico na data de 04 de outubro de 2015, atualizada às 21h19min da mesma data.

4.1 O CASO STÊNIO GARCIA E MARILENE SAADE

O programa Fantástico, da Rede Globo, entrevistou o ator e sua esposa, Marilene Saade. O casal foi vítima de um crime cibernético, onde houve o vazamento de imagens íntimas de ambos, divulgadas nas redes sociais. O caso foi investigado pela Delegacia de Repressão a Crimes de Informática, no Rio de Janeiro. Na mesma semana, houve a repercussão do registro de outro caso de vazamento de fotos na internet. A vítima é uma transexual de São Paulo. A ficha de alistamento militar contendo os dados pessoais de Marianna Lively foram divulgadas nas redes sociais. Fotos tiradas durante o alistamento também foram publicadas, acompanhadas de ofensas.

Durante a entrevista o casal fez alguns comentários que demonstram a insatisfação com o fato ocorrido. "Queremos que o culpado seja punido para servir como exemplo", afirmou o ator. "Não vamos mais fazer fotos como essa, para que correr o risco?", disse Stênio Garcia. Acompanhado de sua esposa, Stênio comentou que "tratou a coisa muito naturalmente".

"Estávamos examinando nossos corpos, a foto não tem malícia", explicou o ator. Com as investigações em andamento, o casal diz não desconfiar de quem vazou as imagens.

"Não temos ideia de como isso pode ter acontecido", explicou Marilene Saade, afastando a hipótese de que as fotos foram roubadas em uma assistência técnica de celulares.

Com a divulgação de uma notícia que chama a atenção da sociedade, conseqüentemente abre-se o espaço para que os leitores expõem a sua opinião manuscrita da notícia. Ocorre é que muitas vezes esses comentários acabam por

fortalecendo o discurso de ódio e destrutivo contra quem acabará de ser vítima por ter sua imagem íntima divulgada na internet.

Diante disso, surgiu o interesse de fazer uma análise do ponto de vista da psicologia dos comentários encontrados em uma notícia, como o caso da notícia do ator global Stênio Garcia e sua esposa, que tiveram sua intimidade divulgada nas redes sociais.

Foi feita a análise de uma página que continha 185 comentários, destes alguns foram selecionados e classificados em comentários positivos ou negativos. Observou-se que a maioria dos comentários possuem caráter negativos, com uma atitude que denigre a pessoa ali exposta na reportagem. Por outro lado os comentários positivos demonstram empatia para com o casal na condição de vítima e deixam mensagens de reflexões a cerca do caso.

4.2 A REPERCUSSÃO E OS COMENTÁRIOS

A notícia foi veiculada em 04 de outubro de 2015 e em um dos primeiros comentários S. S. escreveu:

“Parece piada, a pessoa tira fotos nuas, deixa no celular, leva este celular para o conserto e acha que ninguém vai ver. Por favor, não quer se expor não faça está palhaçada”.

Este comentário não deixa de transmitir uma mensagem interessante a respeito do caso, de que todo cuidado é pouco. Por outro lado será levado em consideração o fato da pessoa ter livre direito de fazer aquilo que bem entender com seu corpo. Por isso foi considerado um comentário negativo, onde embora o casal tenha “vacilado”, isso não dá o direito de outra pessoa reenviar essas imagens para vários indivíduos na internet, podendo está ser enquadrada no Art. 154-A do Código Penal.

Ainda sobre o comentário acima, L. I. fez um comentário positivo

“Creio que o "profissional" que pegou o aparelho para consertá-lo ,não mereça jus ao nome pois para esse tipo de situação tem que haver profissionalismo meu caro S. S. e não houve” rebatendo assim, o comentário feito por S. S.

O comentário feito por L. I. traduz uma empatia para com o casal que tiveram suas imagens divulgadas de maneira desrespeitosa. Nota-se que L. I. chama a atenção para a questão da ética profissional, que deve haver em toda e qualquer profissão. Além disso, o Art. 154-A do Código Penal pontua que invadir o aparelho informático de outra pessoa, com ligação a rede de Internet ou até mesmo desconectado, fazendo o uso do dispositivo, com o objetivo de obter, adulterar ou dar um fim a dados ou informações sem consentimento expresso ou implícito do proprietário do dispositivo ou instalar arquivos que permitam adquirir vantagem ilícita (GRECO, 2014).

Para Silva (2010, p. 24) *bullying* virtual ocorre:

(...) Novas formas de *bullying* surgiram através da utilização dos aparelhos e equipamentos de comunicação (celular, internet), que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de *bullying* é conhecida como *cyberbullying* (...)

Outros comentários considerados negativos foram:

“Quem não quer a intimidade exposta, não se fotografa nu” M. M.

“Não quer que suas fotos íntimas vazem? Simplesmente não as tire. Trouxas” E. M.

Na grande maioria dos comentários, busca-se justificar o fato das imagens circularem na web, com a alegação vazia de que “simplesmente não tire fotos nuas”. Ora, nem sempre que alguém se registra nu, quer dizer que a pessoa tem a intenção de se sensualizar para alguém. Pode ocorrer da mesma apenas querendo se auto admirar, ter autonomia em busca de um corpo que lhe satisfaça.

“Gente essa história é uma jogada em busca de se aparecerem e virar notícia, basta você analisar o comportamento e reação do casal durante a entrevista, o Stenio, bem engraçadinho, e mulher, quem tirou as fotos, fazendo cena de sem graça. Sai dessa Globo, isso aí, quanto mais mexe, mais fede” J.

Para Olweus que estudou os efeitos do *bullying* e foi citado por (SERAFIM e SAFFI, 2012), uma pessoa pode ser considerada como vítima do *bullying* no

momento em que ela é de modo contínuo, humilhada diante de atitudes depreciativas por um indivíduo ou um grupo de pessoas.

“Muito manjado esse negócio de vaziar fotos na internet. o que vaza é água na torneira. Um velho em busca de auto-afirmação e mídia e uma mulher toda esticada. Ridículo” R. B.

“Mulher ridícula! Aparenta ter muito mais que a idade que diz ter! Boca cheia de botox! Me engana que não quis aparecer!” E. B.

“Armaram pra aparecer! O Velhinho se acha!” G.

Por se tratar da pessoa de Stênio Garcia, que nos anos 90 fez muito sucesso nas novelas da Rede Globo, muitos argumentam que o casal fez tais fotos a propósito de ganhar destaque na mídia, uma vez que nos dias atuais, Stênio não tem atuado em muitas novelas.

“Quer saber , na primeira reportagem deles , eu duvidei que pudessem ser alguma estratégia pra aparecerem , mas depois que essa mulher disse em outra reportagem , que estava aberta a proposta pra pousar nua , agora não duvido de mais nada , pelo amor de DEUS , td pra aparecer” e “da pra ver na cara dessa mulher , que é bem manipuladora , ele tem jeito que obedece que nem um corderinho” S. H.

“Já ele nem para a G Magazine presta” I. D.

Alguns comentários partem literalmente para a agressão a honra da pessoa noticiada. Afirmam que as imagens nuas de Marilene Saade foram propositais, com a finalidade de abrir conversações para uma possível proposta para “pousar nua” em uma revista. Seguindo esse raciocínio Sharif (2008, apud, LIMA, 2011, p. 69) no ato de cometer o *cyberbullying* o agressor recorre aos meios tecnológicos disponíveis como: *e-mail*, celulares e *paggers*, mensageiros instantâneos, sites, assim como outros meios virtuais, com o objetivo de causar dano à imagem da vítima de forma determinada, repetindo comportamentos hostis. Essa forma de agir pode ser praticada por uma ou mais pessoas sempre com o mesmo objetivo final, que é causar consequências danosas à outra pessoa.

Há comentários que demonstram solidariedade ao casal e demonstram uma empatia sobre a situação vivenciada por quem foi vítima desse vazamento de imagens. O comentário de G. pontua a forma superficial dos leitores se

manifestarem diante do fato noticiado, onde muitos passam por despercebidos pelo contexto que levou as imagens a circularem na internet.

“Botar a culpa na vítima é sempre mais fácil” G.

Outros leitores passam a impressão de que possuem um senso crítico bem fundamentado, pontuando que divulgar fotos íntimas de outra pessoa sem permissão da mesma, pode fazer com que o autor da ocorrência e a plateia que reenviou essas imagens a terceiros, podem responder criminalmente.

“O que acontece entre as quatro paredes deles, pertencem a eles. Só eles tem o direito de publicar ou não. Isso é uma invasão de privacidade criminosa. Tem de ser punido exemplarmente. Repudio esse tipo de invasão, pois traz muito sofrimento as pessoas. Espero que seja investigado e os responsáveis punidos” J. A

“(...) é cada comentário sem noção nessa pagina.....” A. S

Nesse sentido Willard (2006, apud, LIMA, 2011, p. 69) esclarece que:

O ato de mudar ou postar material danoso ou outras formas de engajar em agressão social usando a internet ou outros tipos de tecnologias digitais, tais como celulares de terceira geração. Estas comunicações online podem ser viciantes e o cyberbullying pode acontecer a qualquer momento, nas 24 horas do dia e nos sete dias da semana. Texto ou imagens comprometedoras podem ser disseminados de forma ampla, sendo impossível retirar o conteúdo da internet.

4.3 A DISCUSSÃO DOS ACHADOS

O estudo da literatura usada para fundamentar o trabalho, conta com autores reconhecidos como: (SERAFIM e SAFFI, 2012) que trouxeram o conceito sobre *bullying*. Essa prática agressiva tem como característica a atitude hostil de um indivíduo ou um grupo de pessoas para com outra pessoa, com a finalidade de desmoralizar essa vítima fazendo com que ela se sinta inferiorizada. Tal característica fica evidente em muitos comentários, onde o leitor usa o espaço democrático de um site de notícias para ridicularizar as pessoas citadas na matéria. As vítimas que sofrem com o *bullying* podem apresentar características de baixa autoestima, limitações nos relacionamentos amorosos, estado emocional frágil,

dificuldades em permanecer em um determinado emprego, fazem o uso de drogas lícitas e ilícitas e são impopulares (SERAFIM e SAFFI, 2012).

Essa prática de humilhar o outro, quando feita através dos meios tecnológicos, passa a ser considerado como *bullying* virtual. Percebe-se que é uma ação que vem se fortalecendo no dia-dia, isso devido à expansão da tecnologia no momento atual. Não é raro se conectar a internet e se deparar com uma notícia que envolve *Revenge Porn*, ou Pornografia da Vingança. Paralelo a isso, surgem os comentários que muitas vezes, por serem negativos, contribuem para alimentar a agressão já sofrida por quem teve sua imagem íntima divulgada. Hinduja e Patchin (2009, apud, LIMA, 2011, p. 70) descrevem o *cyberbullying* como, “o desejo intenso de infringir danos repetitivos a partir do uso de computadores, internet, celulares e outros tipos de dispositivos eletrônicos”.

Nos comentários é possível identificar as características como: provocação incendiária por meio de palavrões; assédio insultando as vítimas; difamação; violação da intimidade. Essas características vão de encontro às pesquisas divulgadas pelos pesquisadores Willard, Kowalskim, Limber e Agaston (2006 e 2009, apud, LIMA, 2011, p. 70).

Uma das possíveis justificativas que pode explicar o grande número de manifestações agressivas por meio de comentários, pode ser o fato dessas pessoas acharem que estão ocultas e impedidas de serem identificadas, sobre isso, Shariff (2008, apud, LIMA, 2011, p. 72) diz que o fato de ficar imaginando e buscando saber quem é o autor ou o possível agressor gera medo, desconforto, tristeza e ressentimento na vítima.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de, EISENSTEIN, Evelyn e ESTEFENON, Susana Graciela Bruno. **Vivendo Esse Mundo Digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

ALBURQUERQUE, Olga Matilde B. C. **Cyberbullying: o que é, como acontece, como lidar?** Recife, 2013. Disponível em <:http://www.unicap.br/pages/pibid/wp-content/uploads/2013/01/Projeto_Cyberbullying-EREM-Luiz-Delgado.pdf>. Acesso em: 24 de out. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. - São Paulo: Edições 70, 2011.

CRESPO, Marcelo. **Sexting e Revenge Porn: por que precisamos falar sobre isso?** 2015. Disponível em <:http://canalcienciascriminais.com.br/artigo/sexting-e-revenge-porn-por-que-precisamos-falar-sobre-isso/> Acesso em: 24 de out. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

G1. **Dieckmann é assunto mais falado do Twitter após vazamento de fotos.** 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/05/dieckman-e-assunto-mais-falado-do-twitter-apos-vazamento-de-fotos.html>. Acesso em: 07 de dez. 2015.

GRECO, Rogério. **Curso de Direito Penal: parte especial, volume II: introdução à teoria geral da parte especial: crimes contra a pessoa.** 11ª ed. Niterói, RJ: Impetus, 2014.

LIMA, Ana Maria de Albuquerque. **Cyberbullying e outros riscos na internet: despertando a atenção de pais e professores.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MARTINS, Paula Pedro. **Bullying no mundo real e virtual: 2009.** Disponível em: <:http://www.alert-online.com/br/magazine/bullying-no-mundo-real-e-virtual>. Acesso em: 26 de out. 2015.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Leis penais e processuais penais comentadas.** 5 ed, rev. atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2010.

REIS, Wanderlei José dos. **Delitos cibernéticos**: implicações da Lei nº 12.737/12. *RIDB*, Ano 3 (2014), nº 8.

SALTER, Anna C. **Predadores – Pedófilos, Estupradores e Outros Agressores Sexuais**. 2009 – São Paulo – M.Books do Brasil Editora Ltda.

SERAFIM, Antonio de Pádua e SAFFI, Fabiana. **Psicologia e práticas forenses**. Barueri, SP: Manole, 2012.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina e WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Alburquerque. **Desenvolvimento da rede para enfrentar o *bullying***: lições canadenses: 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572012000200019&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 de dez. 2015.